AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

10.18764/2525-3441v11n30.2026.14

O SUJEITO E SEUS PROCESSOS DE FRAGMENTAÇÃO: LÍNGUA, DISCURSO E IDEOLOGIA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO NA CANÇÃO "METAMORFOSE AMBULANTE" DE RAUL SEIXAS

THE SUBJECT AND ITS PROCESSES OF FRAGMENTATION: LANGUAGE, DISCOURSE, AND IDEOLOGY AND THEIR EFFECTS OF MEANING IN THE SONG "METAMORPHOSIS AMBULANTE" BY RAUL SEIXAS

Helen Vanessa Silva Lopes
https://orcid.org/0009-0008-4380-1410

Vandilma Sousa Aguiar
https://orcid.org/0009-0004-5329-2729

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
https://orcid.org/0000-0002-9715-2099

Resumo: O pai do rock brasileiro, Raul Seixas, marcou a história da canção com as suas letras irreverentes que não se calavam diante do discurso dominante à sua volta. Na busca por compreender os atravessamentos que afetavam o cantor, o presente estudo objetiva analisar como se constitui o sujeito na canção "Metamorfose Ambulante" de Raul Seixas, empregando a perspectiva da Análise do Discurso Materialista (ADM). Partimos da seguinte questão discursiva: O enfoque centra-se em analisar a construção do sujeito em "Metamorfose Ambulante" a partir das condições de produção do autor, ou seja, seu momento sócio-histórico-ideológico; compreender como o sujeito se posiciona frente à ideologia dominante e analisar a formação discursiva do sujeito através da canção "Metamorfose Ambulante". A metodologia da proposta neste estudo trata-se da Análise do Discurso Materialista, tendo como categorias de análise: sujeito, condições de produção e formações discursivas. O bojo teórico é composto por estudos de Pêcheux (2010), Althusser (1970); Indursky (2000) e Orlandi (1984; 1987; 2008; 2010 e 2015) na busca por compreender a constituição do sujeito e a produção de efeitos de sentido na materialidade discursiva em questão.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; sujeito; Metamorfose Ambulante; Raul Seixas.

Abstract: Raul Seixas, the father of Brazilian rock, left his mark on music history with irreverent lyrics that refused to remain silent in the face of the dominant discourse surrounding him. Seeking to understand the forces that shaped the singer, this study aims to analyze how the subject is constituted in Raul Seixas's song "Metamorfose Ambulante," employing the perspective of Materialist Discourse Analysis (MDA). The study is guided by the following objective: to analyze the construction of the subject in "Metamorfose Ambulante" based on the author's conditions of production—specifically, his socio-historical-ideological context—while understanding how the subject positions himself vis-à-vis the dominant ideology and examining the subject's discursive formation within the song. The methodology adopted is Materialist Discourse Analysis, utilizing the following analytical categories: subject, conditions of production, and discursive formations. The theoretical framework draws upon the work of Pêcheux (2010), Althusser (1970), Indursky (2000), and Orlandi (1984, 1987, 2008, 2010, 2015) to understand the constitution of the subject and the production of meaning effects within the discursive materiality in question.

Keywords: Discourse Analysis; subject; Walking metamorphosis; Raul Seixas.

10.18764/2525-3441v11n30.2026.14

INTRODUÇÃO

Esta produção surgiu a partir de um trabalho acadêmico realizado na disciplina de Tópicos Especiais do Texto ao Discurso no curso de Letras/Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na qual foi proposta a realização de uma análise de um *corpus* de nossa escolha. Nesta ocasião, nos deparamos com a letra da canção “Metamorfose Ambulante" de Raul Seixas a qual provocou diversas reflexões, resultando em sua escolha como objeto de pesquisa.

As provocações contidas na letra da canção nos levaram ao seguinte questionamento: Como é concebido o sujeito na Análise do Discurso a partir da canção “Metamorfose Ambulante?” Com o propósito de elucidar essa indagação, e para tanto será analisado como se constitui o sujeito na canção, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso Materialista, além de discutir os efeitos de sentido produzidos pelo corpus considerando que o sujeito é afetado pelas questões sócio-histórico-ideológicas do discurso; inicialmente, discutiremos as noções de ideologia, sujeito e formação discursiva e as relações que estabelecem com os recortes selecionado. Posteriormente, analisaremos como se constitui o sujeito e a que formação discursiva se filia na canção “Metamorfose Ambulante”, bem como os efeitos de sentido produzidos na materialidade discursiva analisada.

Diante da amplitude de possibilidades discursivas, ao analisar o sujeito na canção “Metamorfose Ambulante”, considerando a amplitude de sentidos produzidos em sua letra, surgiu a necessidade de delimitar esta análise a partir do recorte do corpus, entendido como uma unidade discursiva. “Por unidade discursiva entendemos fragmentos relacionados de linguagens e situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (Orlandi, 1984, p. 14). Desta forma, o recorte consiste em estrofes da canção em que o sujeito enunciador produz dizeres sobre sua posição inscrito em uma formação discursiva.

A metodologia deste estudo compreende a Análise do Discurso Materialista ou de linha francesa, de natureza interpretativa com abordagem teórico-analítica alicerçada nas teorias de Althusser (1970), Indursky (2000),

Orlandi (1984; 1987; 2008; 2010 e 2015) e Pêcheux (2010), entre outros. As principais categorias de análise são: sujeito, ideologia, condições de produção e formações discursivas. Tais categorias orientam o gesto de interpretação, permitindo compreender o sujeito não como origem do dizer, mas como efeito da interpelação ideológica, atravessado por contradições e deslocamentos, conforme os pressupostos da Análise do Discurso materialista

O corpus da pesquisa será composto pela letra da canção "Metamorfose Ambulante", na qual seu conteúdo é tratado como materialidade significativa, a partir do qual serão realizados os recortes para a análise.

Cabe ressaltar, contudo, que a canção, enquanto materialidade discursiva, não se restringe à dimensão verbal, uma vez que o discurso cancional resulta da articulação entre letra e melodia, além de envolver a dimensão vocal e performática. Nesse sentido, a análise aqui proposta não pretende abarcar a canção em sua totalidade, mas se concentra especificamente em sua materialidade verbal, isto é, na letra.

Os fragmentos analisados serão compostos por trechos da canção selecionados com base na ocorrência de marcas de identificação e desidentificação do sujeito com o discurso dominante na conjuntura em que se encontra, os quais constituirão sequências discursivas (SD1 e SD2) com base na noção de sequência discursiva proposta por Courtine (2009, p. 58) quando afirma, "parece que os corpora discursivos são, em geral, constituídos de várias sequências discursivas, produzidas por vários locutores (individuais ou coletivos) a partir, mais frequentemente, de posições ideológicas heterogêneas ou contrastadas".

A partir das SDs, será analisada a produção de sentidos no discurso que atravessa a canção, visto que a letra exprime esse posicionamento.

A história do artista pode ser conhecida por meio dos estudos de Santos (2023), no qual o autor relata que Raul Seixas, nascido em Salvador/BA, em 1945, desde muito jovem já apresentava traços de seu futuro posicionamento quanto aos padrões sociais. Interessava-se, desde cedo, por

seus processos criativos, como a criação de histórias ilustradas que preenchiam seus cadernos escolares.

Em sua adolescência, mudou-se para o bairro portuário de Monte Serrat, na Cidade Baixa. Nesse cenário, Raul conheceu seu amigo de infância Waldir "Big Bem" Serrão, que o apresentou à sua mais nova paixão, o *rock*, por meio das canções de grandes nomes, como Elvis Presley (Santos, 2023). Embora seu sonho fosse ser escritor, em 1973, Raul Seixas lançou seu primeiro álbum, intitulado *Krig-ha, Bandolo!*.

Suas criações tinham influências internacionais que, junto com o ritmo da tradição brasileira, formavam uma combinação harmoniosa. Seus versos complexos chamavam a atenção, pois traziam reflexões existenciais e filosóficas. Movido por interesses místicos, juntou-se ao escritor Paulo Coelho com o intuito de criar uma comunidade *hippie* denominada Sociedade Alternativa.

No entanto, Raul Seixas e seus contemporâneos vivenciavam um período de censura, no qual as pessoas não tinham liberdade para expressar suas opiniões e ideias caso fossem contrárias ao sistema. Essa conjuntura também se refletia na produção musical. Trata-se do período da Ditadura Militar, que se estendeu de 1964 a 1985. Nesse contexto, o regime considerou que o grupo recém-surgido constituía uma organização terrorista, o que acarretou suas prisões e resultou no exílio de ambos nos Estados Unidos. Ao retornar ao Brasil, em 1975, Raul Seixas lançou vários sucessos.

Em 1980, Raul Seixas perdeu o contrato com a gravadora, fato que o levou a uma profunda depressão. No ano seguinte, retornou às atividades com uma nova gravadora. Contudo, o consumo excessivo de álcool e drogas causou prejuízos à sua saúde, fatores que o levaram à morte em 1989, aos 44 anos.

A POSIÇÃO DO SUJEITO FRENTE AO POSICIONAMENTO POLÍTICO EM QUE SE ENCONTRAVA

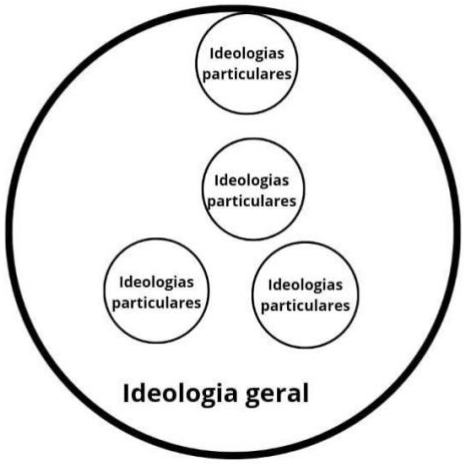
Para analisar o sujeito em sua relação com a formação discursiva, faz-se necessário conhecer a conjuntura em que está inserido, uma vez que é

atravessado pela história, pelo social e pela ideologia, que regulam seu modo de ser e estar no mundo. O termo ideologia, no sentido ao qual nos filiamos, remonta aos estudos de Karl Marx. Segundo Althusser (1970, p. 69), Marx afirma que "A ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social". O autor esclarece que as ideologias individuais, isoladamente, não constituem o todo, uma vez que há uma estrutura que envolve essas especificidades e que está para além das ideologias que atravessam o sujeito no decorrer da história. Althusser (1970, p. 71) esclarece que:

> uma palavra para expor a razão de princípio que me parece, se não fundamentar, pelo menos autorizar o projecto de uma teoria da ideologia em geral) e não o de uma teoria das ideologias parüculares, que exprimem sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe.

Para exemplificar esta questão, podemos observar um sistema de conjuntos desta organização sistemática onde é possível perceber as ideologias particulares englobadas por uma ideologia geral, que atravessam o sujeito a depender da posição que ele ocupa nessa conjuntura social.

Figura 1 - representação das ideologias



Fonte produzida pelos autores

Além dessa formação ideológica, é importante compreender que, para a Análise do Discurso, não existe indivíduo, e sim sujeito, visto que o indivíduo se constitui em sujeito ao ser interpelado pela ideologia, sendo essa interpelação uma ação primordial e constante. Althusser (1970, p. 94) também afirma: "acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) «constituir» os indivíduos concretos em sujeitos".

Logo, desde a gênese da teoria do discurso de Michel Pêcheux, a constituição do sujeito na Análise do Discurso não é vista a partir de uma concepção individual, pois, mesmo antes de nascer, o indivíduo já está inserido em uma família que vive em uma sociedade que possui uma história permeada por ideologias que regulam seu modo de viver e de ser.

O sujeito é determinado pelo social e pela história, interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, ou seja, acredita ser a fonte de seu dizer e que o que produz é de sua inteira responsabilidade. Contudo, Orlandi (2010, p. 19) esclarece que "observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que se fala ao sujeito, que se fala do sujeito, antes que o sujeito possa dizer: 'eu falo'". Portanto, a crença de que o indivíduo é a fonte dos próprios dizeres é, de fato, ilusória, já que seu discurso é atravessado por discursos anteriores e pela ideologia que o interpela por meio dos discursos que o antecedem.

> há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer. Mas são formulações já feitas e esquecidas. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento. (Orlandi, 2010, p. 21).

Dessa forma, a autora discute a reprodução inconsciente do discurso. Essa afirmação é posteriormente complementada pela autora ao abordar as condições de produção, considerando que o dizer do sujeito se constitui a partir de outros dizeres, do já dito, do mesmo e da reiteração de dizeres já cristalizados, reformulando apenas uma variação do mesmo. Orlandi (2015, p. 38) denomina esse fenômeno de paráfrase. Esta "é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo [...]".

Para além das representações do sujeito e de suas diversas características, outro ponto a ser destacado é a relação do sujeito com as formações discursivas e como elas participam de sua constituição. Os dizeres são determinados pelas posições ideológicas e, nesse processo, os enunciados são produzidos conforme a posição que o sujeito ocupa, produzindo diferentes efeitos de sentido. Isso ocorre porque nem o discurso, nem os sentidos, tampouco o sujeito estão prontos, acabados ou completos; estão sempre em processo de constituição. Orlandi (2015) denomina de polissemia esse fenômeno de ruptura, deslocamento e produção do diferente.

Com base nas formulações de Althusser (1970), o indivíduo se constitui em sujeito ao ser interpelado pela ideologia, e esse indivíduo é incessantemente interpelado; logo, não há sujeito sem ideologia, ao passo que o indivíduo é constantemente constituído enquanto sujeito. Sendo a ideologia a força constitutiva do sujeito, é por meio dela que se buscará compreender o discurso em funcionamento nos versos da canção “Metamorfose Ambulante" e as interpelações ideológicas que atravessam a constituição do sujeito e se materializam na canção.

Outra categoria a ser discutida são as condições de produção nas quais esse sujeito está inserido. Porém, antes de adentrarmos nessa discussão, cabe apresentar o que Orlandi (2010, p. 15) discute sobre as condições de produção. A autora pontua:

> As condições de produção incluem, pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente.

O Sujeito Não é Homogêneo

Para discutirmos as noções de ideologia, sujeito e formação discursiva e sua relação com os recortes selecionados para a pesquisa, faz-se necessário compreender o sujeito e sua constituição. Para Pêcheux (apud

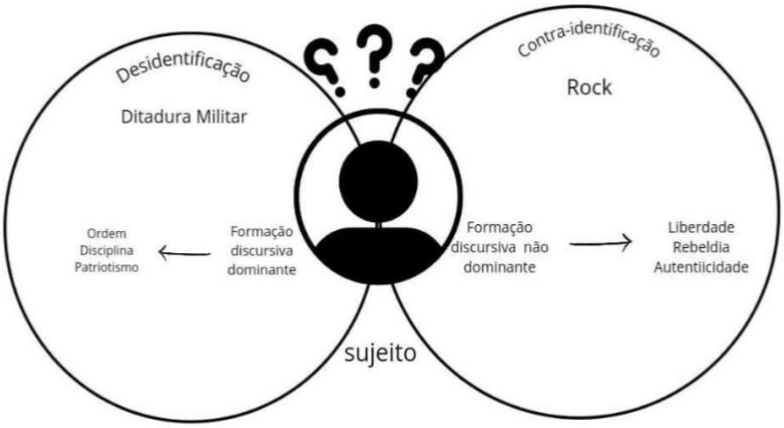
Indursky, 2000, p. 71), "O sujeito além de social é histórico, por conseguinte ideológico e dotado de inconsciente", ou seja, em seu funcionamento, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva a partir da posição que ocupa enquanto sujeito falante, por meio da qual, através da linguagem, expressa os atravessamentos sociais, históricos e ideológicos que constituem sua posição-sujeito.

Em razão de sua constituição inconsciente, o sujeito não reconhece que o discurso que produz não se origina nele próprio, uma vez que seu dizer é atravessado por outros dizeres e por sentidos já constituídos. Nesse sentido, Possenti (2005, p. 385) afirma que "[...] O sujeito é clivado, ou seja, não é uno; o sujeito é assujeitado, isto é, não é livre e não está na origem do discurso [...]".

Logo, para compreender o sujeito analisado e as condições de produção em que se insere, é necessário observar sua relação com as formações ideológicas que o interpelam, visto que o sujeito pode identificar-se, contraidentificar-se ou desidentificar-se com determinadas posições ideológicas. A desidentificação com uma formação ideológica dominante, contudo, não significa que o sujeito deixe de ser interpelado pela ideologia. Ao contrário, esse processo implica um deslocamento de sua posição, podendo conduzi-lo à identificação ou à contraidentificação com outras posições ideológicas e, consequentemente, a diferentes formações discursivas.

Dessa forma, é possível perceber a heterogeneidade do sujeito, que pode permanecer ou não inscrito em uma única posição ideológica dominante. Nessa segunda circunstância, ele passa a ser considerado um mau sujeito, como explica Pêcheux (apud Indursky, 2000, p. 72): "Esta separação conduz o sujeito do discurso a contra-identificar-se, ou seja, a distanciar-se do saber da formação discursiva que lhe é imposta". Esse acontecimento pode ser observado na figura a seguir.

Figura 2- Processo de desidentificação.



Fonte produzida pelas autoras

Este fenômeno pode ser observado no discurso do cantor e compositor Raul Seixas ao perceber que nos recortes a ser analisados na letra da canção "Metamorfose ambulante" o autor demonstra a sua desidentificação ao romper com o discurso ideológico da Ditadura Militar que era dominante e passa a reproduzir o discurso ideológico não dominante expresso pelo movimento musical do *rock*, tornando-se então, o mal sujeito nesta conjuntura.

Ponto de Muta(Ação) – O Sujeito e Seus Trajetos no Dizer

"Metamorfose Ambulante" é uma das canções mais famosas e icônicas do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas. Lançada em 1973, no álbum *Krig-ha, Bandolo!*, a canção se tornou um dos maiores sucessos da carreira de Raul Seixas.

A canção apresenta uma mensagem profundamente pessoal e filosófica, expressando a busca por uma identidade que estabelecesse relação com o contexto mais amplo, mas que rompesse com aquilo que já estava dado de antemão, o que aponta para a necessidade de constante transformação.

A tomada de posição produz um efeito de ato individual; contudo, constitui-se em um sujeito e se efetiva no coletivo, em meio a sujeitos que se

levantam em resistência a outro conjunto de dizeres com os quais não se identificam. Essa formulação remete à afirmação de Pêcheux (2014, p. 281): “não há dominação sem resistência”.

O sujeito enuncia acerca de uma metamorfose ambulante, alguém que está em constante processo de mudança e transformação, rejeitando a ideia de ter uma opinião fixa e inflexível sobre tudo.

Ou seja, trata-se do “ousar se revoltar” (Pêcheux, 2014, p. 281), ao qual Pêcheux se refere; é a mudança de posição produzida diante da opressão que o sujeito sofre e que, no decorrer da existência, desemboca na própria fragmentação da identidade, em termos discursivos, nos processos de constituição da forma-sujeito do discurso. .

Considerando o contexto imediato, isto é, as condições de produção estritas, o sujeito se encontra em meio a uma polarização muito forte no período em que a letra da canção foi produzida. De um lado, a Ditadura Militar que, segundo Maia e Stankiewicz (2015, p. 3), tem como marco “[...] o golpe que derrubou o presidente João Goulart em abril de 1964, os militares tomaram o poder político e nele permaneceram por 20 anos. A justificativa para o golpe foi a necessidade de restabelecer a hierarquia e a disciplina e livrar o país da ‘ameaça comunista’”; de outro, a esquerda intelectualizada, que lutava contra aquilo que estava posto.

Era nesse contexto que se encontrava o autor da canção, que não se adequava à conjuntura política na qual estava inserido, o que se refletia na sua letra. A produção da canção, contudo, não se restringe àquele momento e àquele recorte histórico; ela se constitui a partir de discursos produzidos ao longo de décadas.

Na SD1, a filiação do sujeito é marcada justamente por essa repetição, na qual o termo “metamorfose” aparece duas vezes, assim como a expressão “velha opinião”. O verso é repetido e parece ser o mesmo, mas o “eu” aponta para um deslocamento na história. Mudar, mutar, transformar constitui-se como uma necessidade do sujeito que, inscrito nessa concepção de não lugar, apresenta-se sob diferentes formas, em um movimento de transformação que considera melhores do que aquelas assumidas anteriormente.

SD1: Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

A noção de escolha, embora inconsciente, produz um efeito de consciência e é, sobretudo, marcada na expressão “do que”. A expressão produz um efeito de escolha: isso ou aquilo, esse ou aquele. Na SD1, a opinião já constituída é recusada. É essa posição que passa a ser recusada de diferentes formas, a partir de diferentes posições-sujeito.

A ideia da metamorfose, afirmando que "Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo". E encapsula o tema central da canção, que é a busca por liberdade e autenticidade através da constante transformação pessoal.

Nesse período, predominava o discurso autoritário, que Orlandi (1987, p. 154) define como “aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando”.

Essa reversibilidade tendente a zero, à qual Orlandi (1987) faz menção, aproxima o sujeito opressor do discurso divino, já que o único sujeito que não pode ser igualado é Deus. Por não poder ser igualado nem ter seu discurso revertido, pode-se compreender que, para alcançar o efeito de Deus, o sujeito-ditador submete outros sujeitos a um processo de silenciamento.

Em *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*, a autora explica o que pode ser entendido por silenciamento. Para a autora,

> O mecanismo do silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes formações discursivas. Com o apagamento de sentidos, há zonas de sentido, logo, posições de sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interditadas (Orlandi, 2008, p. 60).

A partir das formulações da autora, o Regime Militar de 1964 impunha ao sujeito um estrangulamento que operava em duas ordens: 1) no corpo, por meio da tortura; e 2) na dimensão psicológica, por meio dos terrores

decorrentes das inúmeras privações e da exposição a uma realidade que, muitas vezes, lhes era insuportável. A metamorfose apontada pelo sujeito constitui uma forma de [r]existir de outras maneiras. É o sujeito que se movimenta em meio a um jogo de forças que, por meio do silêncio, "serve para pôr em funcionamento o apagamento de sentidos, ele serve também para produzir resistência" (Orlandi, 2008, p. 60) .

É na mudança, ou seja, na metamorfose, que o sujeito consegue, por outros meios, significar. Sabemos que nem sujeitos nem sentidos podem ser apreendidos de maneira definitiva; é dessa forma que os processos de paráfrase operam, colocando em circulação a repetição sob o efeito do novo na enunciação.

Contudo, embora tenha sido composta no contexto da Ditadura Militar, não há uma referência direta ao regime na canção. Nesse sentido, a Ditadura pode ser compreendida, nesta análise, como parte do conjunto de sentidos que podem ser associados à expressão "velha opinião formada", mas não como sua única possibilidade de interpretação. O pensamento imposto, contudo, não se restringe ao regime; a Ditadura pode ser compreendida como consequência de uma "velha opinião formada sobre tudo". A crítica presente na canção apresenta alcance mais amplo, o que a torna inclusive mais universal, podendo funcionar em diferentes contextos e períodos históricos. Nas próximas sequências discursivas, a análise considera esses outros aspectos.

Retomando a SD1, observamos em "Eu prefiro ser. Essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo", um dos trechos mais conhecidos da letra da canção, aqui, observamos esse vai e vem, a tomada de posição do sujeito e a forma como ele aponta para o lugar onde não quer estar. O sujeito defende a importância (necessidade) de se permitir mudar, adaptar e evoluir, em vez de se apegar a opiniões pré-concebidas e fechadas. Além disso, a canção aborda uma crítica à sociedade e sua resistência em aceitar as diferenças e as transformações individuais como pode ser visto na próxima sequência discursiva:

SD2: Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator

Aqui, o sujeito apresenta o ápice de sua mutação, marcado por aquilo que Orlandi (2015, p. 36) define como "deslocamento, ruptura de processos de significação", próprios do funcionamento da polissemia.

Dessa forma, ao trabalhar, em todo o recorte, com a oposição temporal entre "hoje" e "amanhã", o sujeito instaura uma transitoriedade incerta, visto que, embora "hoje" esteja posicionado em uma temporalidade imediata, "amanhã" não pode ser precisamente datado. Embora se refira, inicialmente, ao momento seguinte ao "hoje", esse marcador temporal também pode ser deslocado, pelo funcionamento da língua, para qualquer momento futuro.

Assim, a oposição entre essas duas marcas temporais não produz apenas a ideia de uma mudança entre posições distintas, mas instaura a possibilidade contínua de transformação do sujeito. A posição que ele ocupa no presente não se apresenta como estável ou definitiva, uma vez que pode ser modificada em um futuro que não pode ser antecipadamente determinado. Desse modo, o sujeito se constitui em um movimento permanente de deslocamento, mantendo-se em uma condição de constante possibilidade de mutação.

O sentido de transitoriedade instaurado pela marcação temporal é enfatizado quando o sujeito enuncia "Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou" visto que além da questão já levantada, é inserida a letra da canção, A imagem da estrela, que pode remeter àquilo que possui brilho, destaque e visibilidade, enquanto o seu apagamento produz o sentido de perda dessa posição.

Cabe observar que o sentido atribuído à estrela nesta canção pode ser atravessado por diferentes efeitos de sentido, conforme Ferreira (2001, p. 14), ao afirmar que existem "diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido". Por esse viés, o sentido de "estrela" não se limita à referência

ao astro que pode vir a se apagar, mas também pode remeter à posição daquele que se encontra em evidência, em destaque ou no auge em determinado momento e que, posteriormente, pode perder a posição que ocupa.

Nessa perspectiva, a imagem da estrela produz um efeito de transitoriedade e instabilidade, revelando esta mutação não apenas como advinda da ideia de escolha pessoal, mas também de um estado de instabilidade, derivado da ordem do acaso, deixando aberta a possibilidade de que o sujeito venha a ocupar diferentes posições no curso do tempo.

Essa instabilidade se intensifica na sequência "Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor", na qual a temporalidade afeta novamente o funcionamento discursivo, fazendo com que o sujeito passe do "ódio" ao "amor". A oposição entre esses sentimentos produz um efeito de deslocamento, uma vez que aquilo que se apresenta como intenso no presente pode ser transformado no momento seguinte.

Esse acontecimento se mantém na sequência **"**Lhe tenho amor; Lhe tenho horror", na qual a repetição do pronome "lhe" aponta constantemente para um interlocutor direcionado a ele os sentimentos de "amor" e "horror", evidenciando a flexibilidade com que estas mutações acontecem.

Contudo, neste recorte, chama atenção a ausência de um marcador temporal, o que aponta para uma intensificação da mutação do sujeito. Por meio dos versos curtos, produz-se um efeito de acontecimento imediato, deslocando a noção de "hoje" e "amanhã" para o "agora". Posteriormente, esse deslocamento se materializa na ação expressa em "lhe faço amor". Assim, a sequência rompe com uma possível estabilidade semântica da palavra "amor", fazendo com que ela adquira diferentes sentidos no interior da mesma formulação.

Por fim, a afirmação "Eu sou um ator" funciona como um fechamento para a sequência anterior. O termo "ator" pode produzir sentidos de àquele que **r**epresenta, interpreta e assume diferentes personagens ou papéis, jogando com as diversas posições-sujeitos assumidas nas metamorfoses presentes na letra da canção.

Ao lançar lente sobre o discurso produzido na canção “Metamorfose Ambulante”, é cabível observar a relação entre as possibilidades de sentido presentes na materialidade verbal da canção, em que os diferentes efeitos de sentido que podem emergir a partir de sua inscrição em distintas formações discursivas.

Esta questão pode ser observada na forma como a letra apresenta formulações que não se encerram em um sentido único ou previamente determinado, uma vez que os sentidos se constituem no funcionamento da língua, por meio dos processos de significação, que são da ordem do sujeito, como aponta Lacan (1996, p.9) “Digamos que, em princípio, é evidente que é o homem com efeito quem dá seu sentido à palavra. E que, se posteriormente as palavras se encontram no comum acordo da comunicabilidade”.

Assim, as temporalidades e deslocamentos lexicais que marcam a letra da canção jogam com os deslocamentos das posições sujeitos resultantes deste processo de mutação e ressignificação na ordem discursiva, não apenas por escolha própria, mas pelo atravessamento ideológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permite compreender que o sujeito enunciador em “Metamorfose ambulante” não se constitui como origem plena de seu dizer. Ao contrário, evidencia-se que o sujeito é efeito da interpelação ideológica, atravessado pelas formações discursivas que o constituem e pelos deslocamentos que operam no interior dessas formações. A aparente liberdade enunciada na escolha por ser “metamorfose ambulante” produz um efeito de autonomia, mas, sob o olhar da Análise do Discurso materialista, revela-se como um gesto inscrito nas contradições próprias do funcionamento ideológico.

A partir das discussões em torno do *corpus*, é possível visualizar a resposta para o questionamento inicial a respeito da concepção do sujeito na Análise do Discurso Materialista a partir da letra de “Metamorfose ambulante”, do aclamado cantor e compositor Raul Seixas. Durante a análise, elucidou-se que o sujeito é concebido como sendo plural, visto que ele tem a constituição

sócio-histórica na qual se faz sujeito concreto ao ser interpelado pela ideologia.

Para chegar ao resultado obtido, investigou-se o contexto sócio-histórico-ideológico no qual o sujeito estava inserido para averiguar de que forma sua imersão no sistema ditatorial afetaria as produções de sentido expressas e impressas na letra da canção analisada. Para então, conceber o sujeito e sua formação discursiva e ideológica a partir das discussões em torno da sua desidentificação com o discurso dominante do sistema ditatorial e sua contra-identificação com o discurso rebelde e instigador do movimento do rock.

E a partir da consideração de toda a bagagem que o interpela enquanto sujeito, analisar suas produções de sentido a partir da materialidade discursiva presente na letra de seu grande sucesso “Metamorfose ambulante”

Ao mobilizar categorias como sujeito, ideologia, formação discursiva e condições de produção, esta pesquisa evidenciou que o discurso da canção opera como espaço de luta simbólica.

Dessa forma, compreende-se que o sujeito em “Metamorfose ambulante” se constrói na tensão entre identificação, desidentificação e deslocamento. A metamorfose, portanto, não é apenas tema da canção, mas a materialização do funcionamento discursivo do próprio sujeito discursivo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1970.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean Marie. Que objeto para a análise de discurso. *Materialidades discursivas*, p. 33-54, 2016.

DEVIDES, Dílson César. *30 anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira* (de 1970 à contemporaneidade). 2006. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1120. Acesso em: 03 jul. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Glossário de termos do discurso. Porto Alegre*: UFRS, Instituto de Letras, 2001.

INDURSKY, Freda, A fragmentação do sujeito na análise do discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre : Sagra Luzzattto, 2000.

LACAN, Jacques, O simbólico, o imaginário e o real. Tradução de Maria Sara Gomes e Silvia Mangaravite. Papéis, Rio de Janeiro, n. 4, abr. 1996.

MAIA, Adriana Valério; STANKIEWICZ, Mariese Ribas. *A música popular brasileira e a ditadura militar*: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015. Disponível em: https://repositoriocopia.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/23122/3/PB_EL_I_2015_01.pdf Acesso em: 12 Ago. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Segmentar ou recortar*. Série estudos, v. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Susy Laguzzi (Org.) *Introdução à ciência da linguagem*: discurso e textualidade. 2 ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, E. *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo.* 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso*: princípios & procedimentos. Campinas, SP, Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento:* as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum..Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso:* uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: Um Caso de Muitas Rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina(Org). *Introdução à Linguística*: fundamentos epistemológicos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Cleverson Lucas. Sujeitos do/no rock caboclo, faroeste brasileiro: a sonoridade e os jovens em faroeste caboclo. Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 1, n. 2, 2016.

SANTOS, Paulo dos. Trajetórias e memórias em Raul Seixas: matrizes e formação da construção poético-musical da Metamorfose Ambulante (1957 a 1972). 2021. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24810. Acesso em: 03 jul.2023.

Enviado em: 11 de fevereiro de 2026
Aprovado em: 18 de agosto de 2026